

O humanismo e a exaltação da *vita activa*

Humanism and the exaltation of *vita activa*

Jordana Eccel Schio
Doutoranda em História
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
jordanaschio06@gmail.com

Recebido: 29/03/2025

Aprovado: 31/05/2025

Resumo: Este artigo examina a relação entre *vita activa* e *vita contemplativa* durante o movimento renascentista, com foco nas obras de humanistas que viveram e atuaram na Península Itálica entre os séculos XIV e XV, como Coluccio Salutati (1331-1406), Leonardo Bruni (1370-1444) e, principalmente, Cristoforo Landino (1424-1498). Analisamos a valorização da *vita activa* como ferramenta de engajamento político e de construção da reputação individual, alcançada por meio desse ideal e da demonstração da *virtù*, em contraste com a *vita contemplativa*.

Palavras-chave: *Vita activa*; *Vita contemplativa*; Cristoforo Landino.

Abstract: This article examines the relationship between *vita activa* and *vita contemplativa* during the Renaissance movement, focusing on the works of humanists who lived and worked in the Italian Peninsula between the 14th and 15th centuries, such as Coluccio Salutati (1331-1406), Leonardo Bruni (1370-1444), and especially Cristoforo Landino (1424-1498). We analyze the valorization of *vita activa* as a tool for political engagement and the construction of individual reputation, achieved through this ideal and the demonstration of *virtù*, in contrast to the *vita contemplativa*.

Keywords: *Vita activa*; *Vita contemplativa*; Cristoforo Landino.

Introdução

A relação entre a *vita activa* – dedicada à atividade social – e a *vita contemplativa* – consagrada à busca filosófica do conhecimento puro – foi debatida de forma intermitente desde a geração dos filósofos gregos, como Aristóteles (384a.e.c.-322a.e.c.) e Platão (c.428a.e.c.-c.348a.e.c.) (POCOCK, 2021, p. 84). Este artigo demonstra que no decorrer do século XIV e no século XV houve uma significativa inflexão nessa dinâmica, impulsionada pelos trabalhos escritos por alguns humanistas¹.

¹ O historiador da arte Ernst Gombrich (1974, p. 35) destacou que o termo “*humanism*”, distinto de “*umanista*”, é uma invenção do século XIX. O verbete “Humanismo” no *Dicionário de Filosofia*, de José Ferrater Mora (2001, p. 1391), aponta que o termo foi usado pela primeira vez em alemão (*Humanismus*) pelo mestre bávaro F. J. Niethammer em sua obra *Der Temporalidades*, Belo Horizonte, ISSN 1984-6150 – v. 17, n. 1 (2025): Edição 43

Logo, a partir de uma amostra de fontes, examinaremos essa transformação, com foco na crescente valorização da *vita activa* como um instrumento de engajamento político e de construção da reputação individual, em contraste com o passado imediato que privilegiava a *vita contemplativa* e o isolamento.

Durante o movimento renascentista itálico², figuras proeminentes, como o cronista e ex-chanceler florentino Coluccio Salutati (1331-1406); o cronista, secretário papal, tradutor e ex-chanceler aretino Leonardo Bruni (1370-1444) e, especialmente, o cronista, tradutor e poeta florentino Cristoforo Landino (1424-1498), desempenharam um papel importante na redefinição dos ideais. Observamos que as obras escritas e a atuação prática deles refletiram numa ênfase na participação política e no desenvolvimento das potencialidades humanas no âmbito público. Eles argumentavam que a dedicação à vida ativa, que envolvia o exercício de cargos políticos, a participação em debates públicos e a busca pela excelência individual, era fundamental para a construção de uma sociedade livre e próspera.

Ao longo deste artigo, analisaremos como esses humanistas articularam a importância da *vita activa* em seus escritos, destacando suas visões sobre o papel do indivíduo na esfera política e social. Buscaremos compreender como eles contrastavam essa perspectiva com a tradição da *vita contemplativa*, predominante até então. O historiador germano-estadunidense Hans Baron e o filósofo e historiador italiano Eugenio Garin se destacaram como os principais nomes do século XX na discussão sobre os ideais de *vita activa* e *vita contemplativa*. Todavia, nas últimas décadas a tese de Baron foi revisitada e expandida por historiadores, como John Kenneth Hyde e George Arthur Holmes (SKINNER, 1996, p. 49). Suas principais afirmações, incluindo a cronologia e as motivações, foram criticadas por outros estudiosos (POCOCK, 2021, p. 85).

Streit des Philanthropismus und des Humanismus in der Theorie des Erziehungsunterrichts unserer Zeit, lançada em 1808. O filósofo brasileiro Newton Bignotto (2021, p. 17) escreveu que “no contexto que é o nosso, importa recordar quem o termo encontra sua origem na palavra latina *humanitas* e servia para indicar a aquisição de uma educação liberal através dos *studia humanitatis*: língua, literatura, história e filosofia moral”. Enquanto “a designação *umanista* servia, no jargão acadêmico italiano, para indicar um professor, ou mesmo um estudante de literatura ou de matérias consideradas afins pela época, como a retórica”.

² Gombrich (1974, p. 35) defendeu que o renascimento foi um movimento e não um período. Segundo o historiador, era algo proclamado, por isso atraiu seguidores, formou grupos aliados e facções, assim como houve os *outsiders* neutros que tinham outras preocupações. O historiador britânico Peter Burke (1993, p. 83) ponderou que é quase impossível determinar o momento exato em que o renascimento terminou. Para tanto, argumentou que não houve um “fim”, mas uma “desintegração”. De todo modo, há consenso em situar a Península Itálica como vanguarda (GARIN, 1991, p. 9). Frisamos que a Itália foi unificada nas últimas décadas do século XIX. Nos séculos XIV e XV não havia um país ou um ideal de italiano, mas sim o *Regnum Italicum* ao norte e diversas regiões independentes, como Roma e o Reino de Nápoles. Optamos por empregar o termo Península Itálica ao nos referirmos à região, usando “itálicos” ou o gentílico específico de cada cidade quando necessário. No entanto, manteremos os termos originais nas citações dos autores ao longo do artigo.

Do contemplativo ao ativo: a relevância da *vita activa* a partir do século XIV

Durante o movimento renascentista itálico, humanistas como Salutati, Bruni e Landino, entre outros, como veremos nos documentos, exaltaram a *vita activa* como um meio de engajamento nos desafios políticos, de transformação do mundo e de construção do próprio destino, associado ao cultivo da *virtù* com o objetivo de alcançar fama e glória. Em outras palavras, se tratava de um ideal voltado para os interesses cívicos e o bem comum, ou seja, em última análise, para a política. Enquanto a *vita contemplativa*, voltada a introspecção e o afastamento das questões terrenas, era natural para as mentes medievais (POCOCK, 2021, p. 84). Todavia, aos poucos, perdeu seu espaço ou foi colocada em consonância com a *vita ativa*, como um complemento e uma inspiração.

O historiador estadunidense Eugene Franklin Rice Jr. (1958, p. 36) apurou que Salutati, um dos homens que refletiu a respeito desses ideais, argumentava em favor de uma superioridade da vontade sobre o intelecto, assim, enquanto a primeira seria ativa, o segundo permaneceria em uma posição passiva. Por conseguinte, a partir da geração dele, observamos uma valorização da ação como o ideal essencial para a realização humana e para o exercício pleno das virtudes no contexto social e político. Nesse sentido, quando Bruni escreveu sua *Vita di Dante*, frisou que uma das melhores qualidades do poeta florentino foi se manter útil à sua cidade, mesmo enquanto se dedicava aos estudos mais meticulosos (SKINNER, 1996, p. 129-130).

Ainda assim, não havia consenso, e muitos recorriam às ideias do aristotelismo para articular um equilíbrio entre a especulação e a virtude no exercício ativo da vida civil (BARON, 1988, p. 55). A tradição escolástica, alicerçada na redescoberta das obras filosóficas de Aristóteles a partir do século XII, se consolidou especialmente durante o século XIII (SKINNER, 1996, p. 71). Dado que ainda exercia grande influência entre os homens da geração de Salutati. A *Política*, de Aristóteles, tratou a pólis como uma criação puramente humana e com finalidade mundana, ao passo que a arte de “viver e viver bem” na pólis era um ideal autossuficiente (SKINNER, 1996, p. 71). Esses indicadores são encontrados nos documentos escritos pelos homens de saber, pois, em seus textos, eles ressaltavam que o indivíduo deveria ser capaz de explorar suas habilidades para construir seu próprio destino e buscar o bem comum para os seus coevos, sem se ater a um mando celeste.

Baron (1988, p. 59-60) citou que havia um debate entre os humanistas, mas os argumentos predominantemente favoreciam a superioridade da *vita activa*. Ainda assim, o ócio e a solidão podiam livrar o homem das fadigas e da indignidade da vida terrena, assim “o lugar do solitário é pensado,

nesses sentido, como um altar, em que a paz se estabelece e se eterniza num constante estado de doçura, associado à fé e à espera da Graça” (TEIXEIRA, 2010, p. 113). Em uma de suas cartas, o poeta, cronista e humanista Francesco Petrarca (1304-1374) escreveu a respeito da empreitada até o pico de uma montanha chamada por eles de “O Filho”. Após apreciar a vista e antes de o sol desaparecer no horizonte, o homem iniciou a descida. Durante o trajeto, Petrarca percebeu que:

[...] “Vão os homens para admirar os altos montes, os grandes fluxos dos mares, os largos leitos dos rios, a imensidade do oceano e o curso das estrelas, deixando de lado a si mesmos.” Fiquei estupefato, confesso e, dizendo a meu irmão, desejoso de continuar a escutar-me que não me atrapalhasse, fechei o livro, irado comigo mesmo por aquela admiração das coisas terrenas, quando poderia ter aprendido mesmo como os filósofos pagãos que nada é digno de admiração senão a alma, para a qual nada é grande em demasia (PETRARCA, 2021, p. 190).

O historiador estadunidense Paul A. Lombardo (1982, p. 84) escreveu que embora Petrarca não tenha escolhido a vida religiosa, viveu para venerar tal ideal. Essa perspectiva ficou clara nas últimas linhas de outra carta escrita pelo humanista, onde ele expressa sua vontade ao afirmar “queria que pedisse a Deus para que, incertos e instáveis como somos, possamos um dia repousar, e depois de ter vagueado inutilmente, retornemos finalmente para o que é o único, verdade e seguro” (PETRARCA, 2021, p. 191). Embora não fosse um autor cristão, Petrarca adotou uma perspectiva cristã na análise da *virtus* e sustentou que a aquisição dela não deveria se basear apenas nas virtudes cardeais exaltadas pelos moralistas antigos, mas também na virtude fundamental da fé cristã (SKINNER, 1996, p. 113).

Petrarca valorizou o ócio do leigo e do religioso como lugares de reflexão sobre a situação do homem no mundo, a sua queda, o sentido do tempo e a relação com a eternidade (TEIXEIRA, 2010, p. 112). Esse humanista “compartilha a crença religiosa e a tradição cultural de Dante, que presume que aqueles que estão mais inclinados à apreensão da verdade divina e da bondade neste mundo são aqueles que abandonam os prazeres do aqui e agora e fixam firmemente seu olhar no além³” (LOMBARDO, 1982, p. 84, tradução nossa). Percebemos que Petrarca não viu necessidade de viver em isolamento, mas considerou a introspecção desejável para alcançar uma vida virtuosa.

[...] As obras de Petrarca sobre a vida monástica são estilizadas e artificiais, embora bem intencionadas. Foi “sua própria inaptidão para a solidão monástica” que o forçou a encontrar razões para uma reclusão que não se baseasse em uma denúncia religiosa do mundo. Suas próprias razões podem ser encontradas no estudo dos clássicos e na reflexão sobre a possibilidade de virtude fora da vida religiosa. É essa

³ [No original] [...] shares the religious belief and the cultural tradition of Dante which presumes that those who are most disposed to the apprehension of divine truth and goodness on this earth are those who for sake the pleasures of the here and now and fix their gaze securely on the hereafter.

nota positiva através da qual Petrarca inicia o ideal de virtude fora do mosteiro e que abriu caminho para o eventual elogio da *vita activa* por aqueles que o seguiram⁴ (LOMBARDO, 1982, p. 85) [tradução nossa].

A busca pela virtude fora do claustro era evidente nas obras escritas por Petrarca, que assimilou as discussões de seus contemporâneos, se voltando para a promoção de uma vida virtuosa e ativa. Garin (1996, p. 22) salientou que Petrarca era considerado um modelo insuperável de homem de cultura, infalível em tudo e capaz de ser ouvido por populares, imperadores e pontífices. De acordo com as palavras do historiador brasileiro Felipe Teixeira (2010, p. 112):

O movimento de Petrarca se dá precisamente no sentido de valorizar a solidão monástica, não como fonte de tormentosos *taedium vitae*, *tristitia* e *desidia*, mas como condição de imitação terrena da eternidade, orientação para o infinito sagrado e verdade divina; em suma, pelo alcance de uma sensação de *presença* divinal, propiciada pela paz de uma *vita otiosa* consagrada aos estudos e à fé. Como nota Francesco Tateo, Petrarca, ao propor uma releitura da oposição *otio/labor*, reverte o entendimento clássico da *vita otiosa* como preparação para a vida pública: apenas a vida solitária é considerada por ele como digna de fato. Unicamente pela contemplação, o homem, desde que tenha recebido a Graça divina, é capaz de lidar adequadamente com sua condição decaída. “Nos esforçamos não para alcançar a virtude como fim”, diz Petrarca em *De otio religioso*, “mas para chegar a Deus através da virtude”: a verdadeira glória é restrita a Deus.

Além do trabalho de Petrarca, destacamos a peça retórica *Dialogi ad Petrum Paulum Histrum*, escrita por Bruni, na qual se relatou um suposto encontro entre o humanista aretino, o bibliotecário florentino Niccolò Niccoli (1364-1437) e Salutati. O historiador britânico Joseph Canning (2021, p. 95, tradução nossa) escreveu que “alguns diálogos humanistas, no entanto, eram, na verdade, tratados apresentados em forma de diálogo para efeito literário retórico e dramático”⁵. Esse recurso não era inédito, porque encontramos, por exemplo, nos trabalhos do frade e filósofo inglês Guilherme de Ockham (1287-1347) (CANNING, 2021, p. 95). Entretanto, durante o movimento renascentista, os humanistas o empregavam com finalidades distintas das dos escolásticos, pois buscavam exaltar indivíduos que consideravam excepcionais, ao mesmo tempo em que demonstravam concordância com os ideais correntes, reforçando, consequentemente, o prestígio do autor. O formato ainda oferecia

⁴ [No original] Petrarch's works on monastic life are stylized and artificial, though well intended. It was “his own inaptitude for a monastic solitude” which forced him to find reasons for a seclusion that did not rely on a religious denunciation of the world. His own reasons are to be found in the study of the classics and in reflection on the possibility of virtue outside the religious life. It is this positive note through which Petrarch initiates the ideal of virtue outside the monastery, and which opened the way for eventual praise of the *vita activa* by those who followed.

⁵ [No original] Some humanist dialogues, however, were, in effect, treatises presented in dialogue form for rhetorical and dramatic literary effect.

aos humanistas a chance de abordar temas relevantes e intrincados, tal como a discussão dos ideais de *vita activa* e *vita contemplativa* e/ou *otium/negotium*.

À vista disso, na obra de Bruni, foram atribuídas a Salutati diversas qualidades, entre as quais se destacavam a de homem mais digno de seu tempo pelo saber, eloquência e retidão moral (BRUNI, 2021, p. 208). Após o encontro e os cumprimentos, todos se sentaram para ouvir Salutati, e, após um período de silêncio, ele deu início ao debate. O humanista abordou o ato de contemplar. Isso posto:

[...] É absurdo falar consigo mesmo e examinar muitas questões entre quatro paredes e na solidão e, depois, na reunião com outros homens, ficar calados como se nada soubessem. Procurar com grade fadiga o que é de pouca utilidade, deixando de lado, sem maiores preocupações, aquilo de que é possível auferir grandes benefícios. Da mesma maneira que se pode criticar o agricultor que, podendo arar toda sua terra, segue arando as escarpas estéreis, deixando inculta a parte mais plana e mais fértil do campo, devem-se reprovar os que, mesmo podendo se valer de todos os estudos, se empenham em desenvolver os mais frágeis, desprezando e negligenciando o exercício da discussão, do qual de podem colher frutos esplêndidos e abundantes. [...] Em momento algum da minha vida coisa alguma me foi mais prazerosa, nada procurei com mais afincio do que o encontro, quando possível, com homens cultos, para expor o que havia falado e meditado, e sobre o que tinha dúvidas, para ouvir sua opinião a respeito (BRUNI, 2021, p. 209-210) [grifo nosso].

Com base nesse fragmento documental, constatamos que os homens não deveriam se limitar ao exercício da contemplação. O conhecimento se mostrava verdadeiramente frutífero quando praticado em público, tendo em conta que o estudo restrito ao âmbito privado era considerado passivo e ineficaz. Entendemos que as palavras proferidas pelo humanista eram relevantes não apenas para os participantes do diálogo hipotético, mas também para os leitores da obra, promovendo a circulação do conhecimento e das ideias. O ato de contemplar, por si só, não era suficiente para demonstrar que o sujeito era virtuoso.

Bignotto (2021, p. 67-68) apontou que a vida ativa esteve entre as principais preocupações de Salutati, ao passo que se consolidou como uma forma superior de existência, em oposição a estéril atividade especulativa. Então, “para reforçar sua preferência por estudos que colocam o homem em contato com a vida ativa, ele se apegou à doutrina, conhecida pelos filósofos religiosos desde Agostinho, da superioridade da vontade sobre o intelecto”⁶ (BARON, 1955, p. 92, tradução nossa). Baron (1955, p. 88-89) ainda salientou que Salutati foi o pioneiro do humanismo cívico e da *vita activa-*

⁶ [No original] To reinforce his preference of studies bringing man in contact with active life, he seized upon the doctrine, familiar to religious philosophers since Augustine, of the superiority of he will over the intellect; [...].

civilis, pois, além de ser um estudioso, foi o chanceler que melhor integrou o legado de Petrarca ao contexto vivido por Florença naquele século.

Skinner (1996, p. 129) ressaltou que os humanistas, no início do *Quattrocento*, tinham uma convicção cada vez maior que a vida sábia deveria incluir, além da contemplação, a ação prudente. Salutati e Bruni, ambos chanceleres florentinos, defendiam a vida ativa e argumentavam que a liberdade proporcionada por esse ideal deveria ser empregada em benefício da cidade. Visto que, “eram homens novos, conscientemente separados do clero e da antiga aristocracia, ricos, patriotas, ativos na administração de seus próprios negócios e da cidade”⁷ (RICE JR., 1958, p. 44, tradução nossa).

No século XV, Landino, por meio das palavras do estadista, mecenas e diplomata florentino Lorenzo de Médici (1449-1492), conhecido como Lorenzo, *il Magnifico*, argumentou sobre o homem que se isolava na solidão de sua biblioteca, não debatia com seus coevos, não participava de atividades públicas e não prosperava junto aos que se dedicavam aos assuntos da cidade. Em vista disso:

Se o vosso sábio surge entre estas gentes com lentidão e displicência e, recolhendo-se sozinho em casa, na sua biblioteca, nunca sai, não se mistura com ninguém, não saúda ninguém e não desempenha tarefa alguma, nem pública nem privada, que diremos ser o seu papel na república? Que exemplo dará à vida humana? Onde o colocaremos? Para que lhe servirá? Haverá alguém que o considere um dos seus? Certamente não; antes o desprezarão como um preguiçoso vadio que vem sugar o mel alheio. “Busco o descanso”, diz ele, “e, na mais plena ociosidade, especulo sobre as forças da natureza e procuro descobrir a verdade em todas as coisas.” “De fato és feliz”, responder-se-ia, “mas guarda-te para não esquecer a tua natureza, tu que te preocupas apenas contigo mesmo, sem teres qualquer consideração pelos outros [...]”⁸ (LANDINO, 2020, p. 242-243) [tradução nossa].

Durante a exposição, Lorenzo destacou várias diferenças entre o homem ativo e o contemplador inerte, a quem ele despreza, retratando este último como alguém que não desempenha nenhuma tarefa, seja pública ou privada, e, obcecado pela busca da verdade, negligencia seus deveres para com os demais. Bruni e Landino refletiram sobre o papel do indivíduo na sociedade, criticando

⁷ [No original] These were new man, self-consciously separate from the clergy and the older aristocracy, rich, patriotic, active in the administration of their own businesses and of the city.

⁸ [No original] If your wise man appears leisurely and sluggish amongst these people and, secluding himself alone at home in his library, never leaves, mixes with nobody, greets no one, and performs no task either publicly or privately, then what do we say that his part in the republic should be? What example to human life will he offer? Where shall we put him? For what should we use him? Will there be anyone who thinks that he is to be counted as human? He certainly will not be, but instead all will despise him as a lazy drone come to another's honey. “I seek rest,” he says, “and I speculate on the power of nature in the highest leisure, and I seek to discover the truth in everything”. “Indeed you are happy,” one would reply, “but beware lest you forget your nature, you who look after yourself alone such that you do not harbour any concern for others at all [...]”

aqueles que se afastavam em busca da contemplação sem um fim público. Para eles, o conhecimento só tinha relevância quando aplicado de maneira ativa; o contrário era considerado inútil e prejudicial para a cidade. Assim, “Especulação solitária, a busca solitária pela verdade, e a alegria não compartilhada de sua descoberta e posse, são bens menores. É mais nobre estar sempre ativo, ser útil a si mesmo, à sua família, parentes e amigos, e ajudar seu país por meio de exemplo e obras úteis⁹ (RICE JR., 1958, p. 40, tradução nossa).

O estudo afastado da vida pública não era considerado uma prática honrada e, portanto, não era encorajado aos príncipes e outros membros das camadas mais abastadas. Além disso, não garantia que o indivíduo alcançasse o mais elevado grau de honra e glória. Garin (1996, p. 34-35) destacou, na *Vita di Dante*, um trecho em que Bruni expôs que o erro de muitos ignorantes era crer que seriam considerados estudiosos porque se escondiam no ócio e na solidão. Porém, aqueles que se afastavam do convívio humano acabavam por saber muito pouco e, para o humanista, demonstravam pouco talento. Conforme destacou Skinner (1996, p. 136) “para Bruni e seus sucessores, parecia óbvio que a ideia de *negotium*, ou de um engajamento integral nas questões da cidade, correspondia à vida mais digna que um homem podia levar”.

Teixeira (2010, p. 109), com base nas cartas familiares, observou que Bruni ponderava sobre a relação entre *vita negotiosa* e *vita otiosa*, de modo que o humanista considerava a participação nos assuntos da república uma honra. O humanista enaltecia o estudo e a contemplação, e se mostrava recorrentemente desejoso de um estado ideal de ociosidade filosófica. Frisamos que estudou direito, retórica e grego em Florença durante a década de 1390, antes de ingressar na cúria papal na qualidade de secretário em 1406 (SKINNER, 1996, p. 94). Bruni construiu um modelo ideal de vida solitária próximo daquele construído por Petrarca, mas no lugar da ênfase na contemplação de Deus, a virtude estava no amor ao saber, aos estudos e a erudição (TEIXEIRA, 2010, p. 115). Por conseguinte, interpretamos que não significava um afastamento da vida pública, mas uma fase de preparação para tal empreitada. Petrarca, Salutati e Bruni apresentaram os ideais quase como opostos ou em uma relação de superioridade e inferioridade. Décadas depois, Landino argumentou que esses ideais podiam coexistir de maneira complementar e benéfica, como será discutido na segunda parte deste artigo, mas o humanista foi além do dualismo entre vida ativa e vida contemplativa.

⁹ [No original] Solitary speculation, the lonely search for truth, and the unshared joy of its discovery and possession, these are lesser goods. It is nobler to be always active, to be useful to oneself, to one's family, relatives, and friends, and to help one's country by example and useful works.

Os homens não deveriam se resguardar somente aos estudos, pois o conhecimento só teria utilidade se fosse aplicado às questões sociais e políticas imediatas, beneficiando o bem comum em vez de interesses individuais. Os humanistas, além de se dedicarem às traduções e à interpretação dos clássicos greco-latinos, também ocupavam cargos e funções administrativas, de modo que essas experiências deveriam ser complementares e em prol de todos. Garin (1996, p. 14) elaborou a ideia que não havia uma separação entre os estudos, as leituras que se faziam das histórias antigas e a realidade com seus contrastes políticos. Skinner (1996, p. 94) apontou que “os humanistas concentraram suas preocupações em torno do ideal de liberdade republicana, voltando a atenção, acima de tudo, para as ameaças que podem pairar sobre ela e para os modos como é possível garanti-la”.

Isso pode ser entendido a partir da sucessão de humanistas na chancelaria de Florença, haja vista que Petrarca morreu em 1374, e no ano seguinte, até 1406, Salutati ocupou esse espaço na política externa de Florença (GARIN, 1996, p. 25). O discípulo, Bruni, também demonstrou um profundo compromisso com a vida política daquela cidade. Esse humanista tomou a vida de Cícero como um modelo para a sua defesa do equilíbrio entre a *vita otiosa* e *vita negotiosa*, posto que não destacou somente as pelas virtudes como orador, mas como cidadão e homem da política (TEIXEIRA, 2010, p. 114).

Bruni afirmava a necessidade de se unir filosofia e retórica, sendo Cícero e Petrarca seus principais modelos. Ao passo que o último [Petrarca] restaurou os *studia humanitatis*, quando esse modelo estava próximo de ser extinto (SKINNER, 1996, p. 110). “Petrarca também redescobriu a elevada posição que Cícero atribuía ao estudo da retórica e da filosofia enquanto auxiliares na constituição do *vir virtutis*, ou homem realmente viril” (SKINNER, 1996, p. 108). Aquele que detinha a virilidade estava pronto para domar a Fortuna e alcançar a glória e, ao percorrer esse caminho, o indivíduo impreterivelmente exercia o ideal de *vita activa*.

Salutati e Bruni também enalteceram, em seus textos, que os homens excelentes deveriam fazer da busca da *virtus* um dos principais objetivos (SKINNER, 1996, p. 114-115). “O autêntico *vir* deve, antes de mais nada, ter sabedoria” (SKINNER, 1996, p. 108). “A *virtus* podia, portanto, assumir muitas das conotações de virilidade, com a qual estava etimologicamente ligado; *vir* significa homem” (POCOCK, 2021, p. 65). Destacamos que tal construção resultou de um movimento majoritariamente masculino¹⁰, o que ficou nítido no discurso e nas obras. O humanista, diplomata, cronista e ex-

¹⁰ A historiografia deu visibilidade a humanistas, príncipes, poetas, papas e outros homens, seja por meio da produção intelectual, pelas guerras empreendidas ou pelo incentivo à cultura. Durante o movimento renascentista, a mulher não tinha rosto, era apenas mãe, filha, viúva, virgem ou prostituta (KING, 1991, p. 193). Todavia, nas últimas décadas, houve uma

Temporalidades, Belo Horizonte, ISSN 1984-6150 – v. 17, n. 1 (2025): Edição 43

chanceler florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527) (2020, p. 437-439) sintetizou de uma maneira clara qual era a relação dos homens com o feminino ao longo do movimento renascentista. Assim, “acredito que seja melhor ser impetuoso que ponderado, porque a fortuna é mulher e é necessário, se se a quer, subjugar-la, submetê-la e bater nela”.

O homem não podia ser governado pelas paixões, pois, dessa forma, se afastava do cultivo da *virtù*, ficando vulnerável às vontades da imprevisibilidade, próximo da ruína e sem chance alguma de recuperação. A impetuosidade e a ação sem preparo eram repudiadas pelos humanistas naqueles séculos. Nesse sentido, Maquiavel (2022, p. 435-437) citou o papa Júlio II (1503-1513), que procedeu em todas as suas coisas de forma impetuosa, obtendo bons resultados apenas devido à brevidade de sua vida. Teixeira (2010, p. 13) examinou o papel central da prudência nos escritos políticos e históricos dos florentinos Nicolau Maquiavel e Francesco Guicciardini (1483-1540). Assim, aqueles que empregavam o bom juízo, a celeridade no momento de decidir e se valiam da aguçada capacidade de avaliar as transformações e sutilezas da realidade estavam aptos a alcançar a glória e a mais alta distinção entre os homens.

Em uma carta escrita por Petrarca¹¹, percebemos por que a educação e a contemplação eram tomadas como preparação para a vida pública e para busca de solução aos problemas sociais e políticos. À vista disso, ele argumentou, em determinado trecho, que “[...] não há nada que possa ser feito nesta terra que seja mais aceitável para aquele Deus supremo que governa todo este mundo do que as assembleias e reuniões de homens unidos pela lei e formando o que é conhecido como estados”¹² (PETRARCA, 1975, p. 146, tradução nossa). Nas últimas linhas da carta, Petrarca também salientou que a vida dos homens instruídos não passava de uma preparação para a morte. Ao longo da jornada, esses indivíduos não deveriam se afastar da aspiração pela glória eterna, a qual só poderia ser alcançada por meio do exercício da *vita activa*.

E nada é mais eficaz, acredito, do que outro ditado, já que agradou aos mesmos filósofos: a vida inteira dos homens eruditos não é nada mais do que uma preparação para a morte. Até agora, tentei não o instruir, mas apenas aconselhá-lo e exercitar sua memória. Ainda resta seu pedido de que eu o mantenha sempre em mente. Acho útil

recuperação da história feminina para além de sua condição carnal, reprodutiva e familiar. Ganharam visibilidade humanistas, como, por exemplo, Isotta Nogarola (1418-1466), Cassandra Fedele (1465-1558) e Laura Cereta (1469-1499) (RODRIGUES, 2018, p. 242), pois a formação de mulheres letradas, capazes de exercer suas potencialidades, servia como símbolo de prestígio para suas casas.

¹¹ Em *Rerum familiarium*, livro III, 12, Petrarca escreve para Marco Genovese, sobre o qual há poucos registros.

¹² [No original] [...] There is nothing that may be done on this earth that is more acceptable to that supreme God who rules over all this world than the assemblies and meetings of men united by law and forming what is known as states [...].

aqui usar suas próprias palavras. Esteja certo de que tenho feito isso há muito tempo [...] ¹³ (PETRARCA, 1975, p. 147) [tradução nossa].

A vida de contemplação deveria ser orientada para ir além dos interesses mundanos e garantir o aperfeiçoamento moral. Entendemos que essa prática precisava estar aliada a uma *vita activa*, pois muitas adversidades afluíam entre as regiões itálicas. No século XIII e, especialmente, a partir do século XIV, as repúblicas espalhadas pela península enfrentaram múltiplas ameaças, como as disputas de sucessão em Nápoles e Milão e as mudanças de regime em Florença e Gênova. No nordeste do território, os venezianos ainda sofreram com as investidas dos turcos. O historiador Teixeira (2010, p. 118) ponderou que, durante o período conhecido como *calamità*, nos primeiros decênios do século XVI, “superpõem-se à recorrente nostalgia de um equilíbrio inalcançável entre ócio e negócio análises sobre a destruição da autonomia política e recrudescimento dos poderes do acaso, da contingência e do inesperado associados à Fortuna”.

Os imperadores agiam por meio de intimidações, além de reivindicações jurídicas e avanços armados, contra a autonomia das cidades no norte da península (SKINNER, 1996, p. 25-34). O papado atuava como mediador das hostilidades e promotor da paz, sem, no entanto, perder de vista a manutenção de seus interesses temporais, como a anexação de terras e provisão dos tesouros papais com a aquisição de riqueza dessas cidades (SKINNER, 1996, p. 34-44. GILLI, 2011, p. 41). Os homens desfrutaram de um breve período de estabilidade, garantido pela Paz de Lodi, em abril de 1454, que se manteve até a invasão francesa em 1494 (METRI, 2021, p. 185).

Bignotto (2021, p. 91) observou que “o humanismo teve suas origens diretamente vinculadas aos esforços da aristocracia florentina, mas também da de outras cidades como Veneza, para garantir seu poder contra os inimigos internos e externos”. Ao longo das décadas, alguns humanistas se consolidaram ocupando diversos cargos, visando atender aos interesses políticos das cidades e comunas que enfrentavam confrontos externos e cuja liberdade estava constantemente ameaçada. Garin (1996, p. 25) evidenciou que, após Petrarca, Salutati se destacou como mestre da sabedoria, investigador do saber latino, celebrador da filosofia e da poesia gregas, além de ser um dos artífices da política externa de Florença.

¹³ [No original] And nothing is more effective, I believe, than another saying since it pleased the same philosophers: the entire life of learned men is nothing more than a preparation for death. So far I have tried not to instruct you but merely to advise and exercise your memory. Still remaining is your request that I keep you always in mind. I find it helpful here to use your own words. Be assured that I have been doing so a long time. [...].

As repúblicas procuravam se fortalecer politicamente e se posicionar diante dos outros poderes, se organizando em defesa dos interesses locais para enfrentar o constante rearranjo de forças externas. Nesse contexto, a vida ativa se tornou o principal instrumento para que os homens se dedicassem à resolução de questões políticas e sociais, aplicando, na prática, o que era aprendido nos momentos de contemplação. Ademais, “a preocupação com as instituições internas ganha destaque num contexto em que as forças universais – o império e a Igreja – não exercem mais um controle efetivo das cidades italianas” (BIGNOTTO, 2021, p. 122).

Pouco a pouco, além de um resgate das tradições e das origens, uma parcela dos habitantes dessas cidades compreendeu que o futuro político não podia estar sujeito às forças externas, mas sim às ações e decisões tomadas internamente. O paradigma de autonomia e protagonismo do homem, buscado por meio do exercício da *vita activa*, se tornou um modelo para a organização política e a construção de uma sociedade livre no decorrer do movimento renascentista itálico. Observamos que houve uma ênfase na vontade humana, acompanhada da certeza de que aqueles mais bem preparados para enfrentar a Fortuna, além de alcançar a liberdade, poderiam compartilhar da glória e dos píncaros da fama, tanto para si quanto para a cidade. Aliás, o historiador Skinner (1996, p. 115) esclareceu que:

Entender que os homens possam alcançar a excelência máxima significa também considerá-los capazes de vencer quaisquer obstáculos com que se defrontem em seu caminho. Os humanistas facilmente reconhecem que sua concepção da natureza humana acarreta uma análise assim otimista da liberdade e dos poderes do homem, e por isso procedem a uma leitura bastante positiva do *vir virtutis* enquanto força social criativa, apta a moldar seu próprio destino e a refazer o mundo social para adequá-lo a seus desejos. Começam então invertendo a convicção, clássica, de que a melhor forma de caracterizar a condição humana é como uma luta entre a vontade do homem e os caprichos da fortuna.

A obra *Laudatio Florentine Urbis*, escrita por Bruni entre 1403 e 1404, tratou da fundação de Florença e o processo que levou à sua consolidação como um espaço livre da tirania. Além disso, o texto exaltou a forma como a cidade preservou e cultivou uma herança republicana inspirada nos ideais romanos (ALVES, 2017, p. 159). O humanista sugeriu que a liberdade era garantida pela atuação pública dos homens, de modo que o *negotium*, ou seja, o engajamento nos assuntos da cidade, representava a forma mais digna de contribuição para a moral cívica (SKINNER, 1996, p. 136). Entendemos que a participação nos assuntos públicos proporcionava ao homem a oportunidade de exercer sua liberdade, construir sua reputação e contribuir para a proteção da cidade contra ameaças externas.

A vida ativa foi destacada como instrumento de engajamento político e mudança social, e o conhecimento adquirido pela contemplação deveria ser aplicado em questões práticas, contribuindo para o bem comum. O resgate da *virtù*, entendido como excelência moral e cívica, se tornou um ideal essencial para a realização humana e para o fortalecimento das cidades, especialmente no norte da Península Itálica, que enfrentavam desafios políticos e sociais. O humanista Landino, como veremos a seguir, desenvolveu uma proposta para a compreensão dos ideais de *vita activa* e *vita contemplativa* e de como esses podiam ser assimilados pelos indivíduos no século XV.

Os ideais na obra *Disputationes camaldulenses* de Cristoforo Landino

A obra *Disputationes camaldulenses* de 1472 foi elaborada pelo humanista Landino como um diálogo dividido em quatro livros¹⁴. Trata-se de uma conversa hipotética ambientada ao longo de quatro dias, próximo ao mosteiro de Camaldoli, nas montanhas a leste de Florença (McNAIR, 2019, p. 94). Entre os participantes estão o próprio autor, Landino, além do arquiteto, músico, escultor e cronista Leon Battista Alberti (1404-1472), o humanista Marsílio Ficino (1433-1499) e Lorenzo de Médici (THOMSON, 2020, p. 8). Na verdade, todos esses personagens devem ser considerados como o próprio autor, pois os argumentos haviam sido discutidos em trabalhos anteriores (McNAIR, 2019, p. 94). Ao longo da conversa, esses homens discutiram o que, em Platão, um governante da república deveria adotar daqueles que se dedicam à investigação da verdade (THOMSON, 2020, p. 8).

Neste artigo, destacamos que, no primeiro livro, os interlocutores debateram a melhor forma de vida, com Alberti defendendo o *otium* e Lorenzo, o *negotium*. A respeito do segundo livro, o historiador estadunidense Bruce McNair (1994, p. 750) esclareceu que o humanista buscou definir se a ação ou a contemplação seria o melhor caminho para alcançar o *summum bonum*. O humanista Landino argumentou que o objetivo final poderia ser encontrado em Deus por meio dos atos de amor, considerados a chave principal para alcançar a felicidade eterna Nele. McNair (2019, p. 97, tradução nossa) explicou que, “nos livros I e II das *Disputationes*, Landino não considera a ação e a contemplação (e especulação) como *genera vitae*; em vez disso, ele as considera estágios na ascensão da alma ao bem

¹⁴ Embora não sejam abordados neste artigo, no terceiro e no quarto livro, Alberti usou a *Eneida* do poeta Virgílio (70a.e.c.-19a.e.c.) como uma metáfora para explicar seu modelo ético. À vista disso, a jornada de Eneias representou o caminho da alma, começando no prazer, passando pela ação cívica e chegando à contemplação (THOMSON, 2020, p. 8).

mais elevado e defende que existem três gêneros de vida: *otium*, *negotium* e um que mistura os dois”¹⁵.

Outrossim:

Nas *Disputationes*, Landino sustenta que existem dois *genera vitae*, *otium* e *negotium*. O leitor moderno precisa reconhecer que há uma distinção crucial entre *otium/negotium* e ação/contemplação. Para Landino, os termos *otium/negotium* referem-se a modos de vida, aprendizado dedicado ou envolvimento cívico, enquanto os termos ação/contemplação referem-se às operações da mente. Uma pessoa pode estar muito envolvida em *negotium* e ser contemplativa, e outra pode ser muito *otiosus* e estar longe da contemplação¹⁶ (McNair, 1994, p. 750-751) [tradução nossa].

Nas primeiras páginas da obra *Disputationes camaldulenses*, Landino se direcionou às atividades do ilustríssimo duque de Urbino, Federico Montefeltro (1422-1482), também conhecido como Federico III, que se destacou não apenas por sua influência política, mas também por sua habilidade como estrategista militar e seu apreço pelas letras. O humanista o elegeu como exemplo, pois, mesmo vivendo o *negotiosus*, o duque foi capaz de aprender e especular sem se tornar um *otiosus*, beneficiando muitos homens e mulheres com seu conhecimento e virtudes (McNAIR, 2019, p. 106). Para tanto, citamos a fonte:

Quis conferir dignidade ao meu livro pela autoridade de um príncipe que supera amplamente todos os que a nossa época produziu em ambas as formas de vida; contudo, depois de percorrer toda a Itália com o olhar da mente, não encontrei ninguém a quem pudesse comparar-te, ilustre Federico. **Pois, se bem há alguns de caráter nobre que cuidam da comunidade e do Estado de modo que, por sábios conselhos e ações justas, beneficiam não apenas a si mesmos, mas também aos outros, e há aqueles que, dotados de mente superior, se elevam à contemplação do divino, abandonando os assuntos terrenos, não sabemos que tu possuis ambas as qualidades?** Não te escapa que aqueles que tratam da vida social e cívica dividem o tema em dois estudos – o da paz e o da guerra. Eles afirmam que a paz deve ser buscada por si mesma e que a guerra deve ser empreendida não por seu próprio valor, mas com o objetivo de alcançar a paz [...]”¹⁷ (LANDINO, 2020, p. 226-227) [grifo e tradução nossa].

¹⁵ [No original] In Books I and II of the *Disputationes*, Landino does not consider action and contemplation (and speculation) to be *genera vitae*; rather, he considers them to be stages in the ascent of the soul to the highest good and holds there to be three *genera vitae*: *otium*, *negotium*, and one that mixes the two.

¹⁶ [No original] In the *Disputationes*, Landino holds there to be two *genera vitae*, *otium* and *negotium*. The modern reader needs to recognize that there is a crucial distinction between *otium/negotium* and action/contemplation. For Landino, the former terms refer to modes of life, studious learning or civic involvement, while the latter terms refer to operations of the mind. One can be very involved in *negotium* and be contemplative, and one can be very *otiosus* and be far from contemplation.

¹⁷ [No original] I wanted to dignify my book with the authority of a prince who greatly surpasses all those our age has produced in both these kinds of life, I found none whom I could compare to you, illustrious Federico, even though I circled the whole of Italy with my mind’s eye for a long time. For although there are some with a certain noble character who care for the community and state in such a way that, through wise advice and right action, they do not just benefit themselves but also others, and there are some who, endowed with a greater mind, raise themselves to the contemplation of divine matters by leaving human affairs, don’t we know that you possess both of these qualities? It does not escape you

“A dedicação do texto de Landino a Federico é abertamente política, um meio de garantir a paz entre ele e Lorenzo ao exortar os dois estadistas – um estabelecido, outro inexperiente – a uma ação política virtuosa”¹⁸ (THOMSON, 2020, p. 42, tradução nossa). O príncipe de Urbino era considerado um modelo de união de vidas ativa e contemplativa (THOMSON, 2020, p. 42). O texto prosseguiu tecendo elogios à astúcia do duque e pontuando que seria necessário mais tempo para enumerar todas as suas habilidades e práticas militares à frente dos conflitos enfrentados nos seus anos de governo. O humanista também destacou que além do *negotium*, o homem, por exemplo, não se afastou da contemplação.

Quanto à vida pacífica e ao estudo das letras, quem não sabe que, desde tenra idade, você se inclinou a absorver o aprendizado juvenil com grande avidez, livre de outras preocupações? Depois disso, jamais estive tão atarefado que não dedicasse parte do dia aos estudos de diversas disciplinas. Assim, uma vez que já podia interpretar muito bem os poetas e havia examinado com rigor as palavras de todos os historiadores, não apenas familiarizando-se com os preceitos da oratória, mas também praticando-os com diligência, voltou então toda a sua atenção à própria filosofia¹⁹ (LANDINO, 2020, p. 229) [tradução nossa].

Após exaltar a *virtù* que o jovem duque adquiriu por meio da contemplação, o humanista, nas primeiras páginas da fonte, dedicou mais linhas para elogiar a postura de Federico como homem de saber e chefe militar, destacando sua excelência em ambos. Para tanto, citamos o documento:

Seja em casa, seja em viagem, ou mesmo em tempos de guerra, tens sempre ao teu redor diversas pessoas capazes de tratar dos assuntos mais profundos com erudição, elegância e engenho, de modo que, mesmo em meio ao estrépito e ao tumulto das maiores batalhas, podem-se ouvir vozes de debate. Portanto, não surpreenderá ninguém que, assim como te louvam como o mais justo em tempos de paz, o mais valente em tempos de guerra e o mais sábio em ambos, também te considerem o mais instruído no lazer das letras. A quem, pois, poderia ter dedicado meu livro, no qual se discute ambos os modos de vida, senão a ti, que abraçaste tão plenamente os dois que te sobressaístes em ambos?²⁰ (LANDINO, 2020, p. 229) [tradução nossa].

that those who write about the social and civic life divide the subject as a whole into the studies of peace and war. They show that peace should be sought for its own sake and that war should be sought not for its own sake, but in order that it can be undertaken to attain peace.

¹⁸ [No original] [...] Landino's dedication of the text to Federico is nakedly political, a means of securing peace between him and Lorenzo by exhorting the two statesmen – one established, one inexperienced – to virtuous political action.

¹⁹ [No original] As far as the peaceful life and study of culture are concerned, who does not know that from an early age you were inclined to drink in youthful learning with great avidity during total freedom from other things? Thereafter, you were never so busy that you did not take yourself away from your affairs for a part of the day and spend it in the study of varied learning. So, since you could already interpret the poets very well early on, and had scrutinised the written words of all historians, and had not only made yourself very familiar with the principles of speaking but had also practised them diligently, you then turned all your attention to philosophy itself.

²⁰ [No original] Whether you are at home, or abroad, or even at war, you always have many around you who are able to discuss the most profound subjects with learning, elegance, and skill, so that, even amongst the clatter and tumult of the

Landino (2020, p. 244) usou outro participante para se referir ao duque, Lorenzo. O florentino também exaltou as qualidades do príncipe de Urbino, destacando o apreço dele pelas letras, sem desconsiderar os deveres de governo e as questões militares. McNair (2019, p. 106) sugeriu que Federico representava um modelo exemplar, pois sua vida *negotiosa* não apenas permitia especular, mas também evitava uma existência *otiosa*, beneficiando, assim, seus coevos com seu conhecimento e suas virtudes. Por meio de Lorenzo, o humanista defendeu a vida de *negotium*, argumentando que:

Você verá sempre que os maiores prêmios e as honras mais prestigiosas não são concedidos aos ociosos, mas aos ativos. Havia triunfos dedicados à maior glória, havia troféus, havia ovações. Foram inventadas várias coroas e criados diversos títulos. Vemos estátuas erguidas para muitos homens excelentes, e não apenas para cidadãos humildes, mas também para cavaleiros e oficiais. Vemos túmulos magnificamente construídos, campos doados às custas públicas, de modo que, com tais monumentos, homens ilustres e bem merecidos pelo Estado foram tornados imortais²¹ (LANDINO, 2020, p. 229) [grifo e tradução nossa].

O exercício de uma vida de *otium* carecia do apoio dos outros, e podia facilmente ser assediada pelos vícios, enquanto a vida de *negotium* os colocava entre outras pessoas e, portanto, dava alguma proteção contra a tentação (McNAIR, 2019, p. 106). Logo no início do primeiro livro, Landino (2020, p. 229) mencionou o rei da Macedônia, Alexandre Magno (356a.e.c.-323a.e.c.), destacando que o conquistador teve Aristóteles como mestre, além de contar com outros indivíduos reconhecidos pelo notório conhecimento. Da mesma forma, o príncipe de Urbino reuniu em sua companhia pessoas excepcionais em diversas habilidades.

O humanista também ressaltou as virtudes de Lorenzo, pois o florentino não se cercava apenas de figuras envolvidas nos assuntos de governo, mas se mantinha constantemente na companhia de homens de saber, pintores e poetas. Durante o período em que Michelangelo Buonarroti (1475-1564) viveu na corte dos Médici, ele teve acesso à coleção de esculturas espalhadas pelos jardins da família. Como outros artistas talentosos, Michelangelo realizou cópias em argila e produziu diversos estudos, aperfeiçoando sua técnica de desenho e modelagem.

greatest battles, constant voices of debate may be heard. It will therefore come as a surprise to no one if, just as all commend you as the most righteous in peace, the strongest in war and the wisest in either, so too do they deem you most learned in the pursuit of culture. To whom, therefore, could I have dedicated this book, in which both kinds of life are discussed, other than to you, who has embraced both of them so as to excel in each?

²¹ [No original] You will always see that the greatest prizes and most prestigious honours are not granted to the leisurely, but to the active. There were triumphs devoted to the greatest glory, there were trophies, there were ovations. Various garlands were invented, various titles devised. We see statues erected to many excellent men, and not only humble citizens, but also knights and officials. We see tombs superbly constructed, fields donated at the public expense, so that with such monuments men who were illustrious and well-merited by the state were rendered immortal.

Temporalidades, Belo Horizonte, ISSN 1984-6150 – v. 17, n. 1 (2025): Edição 43

O pintor, arquiteto e cronista Giorgio Vasari (1511-1574) (2011, p. 79) narrou que Lorenzo nutria um profundo amor pela pintura e pela escultura, a ponto de fundar uma escola para pintores e escultores, tendo Bertoldo, discípulo de Donatello, como o guia e chefe (1386-1466). Os jovens da oficina de Domenico Ghirlandaio (1448-1494) também foram enviados para se exercitarem e serem educados de maneira que honrasse a si próprios, a Lorenzo e a Florença. Michelangelo foi acolhido ali por um breve período, chegando a compartilhar a mesa com os filhos do florentino. No entanto, após a morte do seu anfitrião, em 1492, ele deixou a cidade (VASARI, 2011, p. 80-81).

Interpretamos que as descrições das qualidades desses indivíduos, apresentadas por Landino no documento, se alinham com as características do chamado “homem renascentista”. O historiador Skinner (1996, p. 112) sintetizou o ideal almejado por aqueles que buscavam a excelência, ao afirmar que os sujeitos não deveriam se considerar autoridades exclusivas nas artes do governo, do estudo e da guerra, visto que apenas poderiam achar sua educação completa quando conseguissem combinar “o olho do cortesão, a língua do letrado, o gládio do guerreiro”. Identificamos que esses anseios estão presentes nos documentos analisados neste artigo.

Landino (2020, p. 235), a partir das palavras de Alberti, recorreu a uma metáfora para esclarecer suas ideias ao leitor, afirmando que ninguém poderia se sentar confortavelmente no topo de uma montanha, de onde tudo se revela, sem antes vencer a árdua subida e as escarpas íngremes²². Com isso, ele indicava que a jornada para alcançar a glória era desafiadora. Assim, o homem deveria se dedicar à contemplação e às letras com a mesma intensidade com que se ocupava dos problemas públicos e da busca pelo bem comum.

Ademais, outra vez por meio de Alberti, o humanista Landino refletiu sobre o ideal do século XV, dado que o autoaperfeiçoamento virtuoso pelo indivíduo era essencial para o funcionamento do governo e para a saúde moral do corpo político (THOMSON, 2020, p. 60). Ainda que o fragmento seja extenso, optamos por citar a fonte para clarear a nossa argumentação.

A vida dedicada à ação será, de fato, algo eminente e verdadeiramente digno de um ser humano, se for assumida por um homem em quem se revele inteligência aguda e conselho maduro, cuja mente esteja protegida contra todo perigo, que viva com moderação perante o prazer e que não reflita sobre nada senão de modo justo e piedoso. Pois, uma vez que não nascemos apenas para nós mesmos, mas sobretudo para servir à sociedade humana, com que elogios não enaltecemos aquele que se dedica à família e aos assuntos domésticos de modo que tudo o que é necessário ao

²² [No original] “[...] So rest is not given unless you first strive, and you will not rest comfortably on the flat crest of the mountain, from where we can see all, unless you have first reached the summit by climbing through steep cliffs.”

sustento e à cultura esteja presente em abundância, dentro de limites modestos, de modo que os filhos e todos aqueles sob sua tutela sejam educados livremente em todas as humanidades, e de tal forma que o patrimônio cresça com o maior zelo e diligência, sem a mais remota suspeita de avareza? Este é alguém que, além de amparar os que lhe são devidos, também emprega sua riqueza para ajudar os outros, pratica a liberalidade com os cidadãos e acolhe hospitaleiramente os estrangeiros, e pode beneficiar o bem público tanto pela magnificência de suas obras e esplendor de seus presentes quanto pela arrecadação de impostos. Quando se dedica à administração da república, mostra-se cultivado em todo tipo de virtude e adornado com perfeita eloquência, de modo que sempre guarda opiniões benéficas e honrosas acerca dos assuntos públicos e persuade os outros a compartilhá-las com discurso claro e abundante. É alguém que não teme nem o poder dos inimigos, nem a ira de cidadãos sediciosos, mas defende-se contra seus ataques com todas as forças da mente e do corpo, frustra seus intentos desleais e irados com a maior independência. Finalmente, é aquele que se ocupa de cultivar a religião, preservar a justiça e manter toda a cidadania dentro dos limites da modéstia, não poupando esforços, não temendo perigos e não hesitando em dar até mesmo a própria vida para alcançar tais objetivos²³ [...] (LANDINO, 2020, p. 239) [tradução nossa].

De acordo com o documento, o homem deveria ser gentil tanto com os que estavam de passagem quanto com aqueles que faziam parte de seu cotidiano, sem negligenciar os deveres privados e familiares. Alberti defendeu o *otium*, pois ele oferecia a oportunidade de se dedicar à busca do conhecimento – uma característica própria dos seres humanos. No entanto, a vida dedicada à ação também era considerada valiosa no cotidiano daqueles homens. Visto que, a partir dela se cultivava a responsabilidade moral por si mesmo, por seus negócios e pelos assuntos do governo, além de oferecer um caminho para a contemplação (THOMSON, 2020, p. 11-12).

²³ [No original] But the life which is devoted to action will indeed be something eminent and truly worthy for a human being if it is assumed by a man in whom a sharp-sighted intelligence and mature counsel is evident, and whose mind is guarded against all dangers, who lives with restraint in the face of pleasure, and who does not reflect on anything other than in a just and pious way. For, since we were not only born for ourselves, but also much more so that we shall serve in human society, with what praise do we adorn someone who devotes himself to family and domestic matters in such a way that everything necessary for living and culture is present in abundance, within modest limits, so that the children and others whom he has in tutelage are educated liberally and are cultivated in all humanities, and such a way that patrimony grows with the highest care and diligence, with any suspicion of avarice far removed? This is someone who, besides those he is obliged to support, also uses his wealth to help others, and privately practises liberality to citizens and hospitality to strangers, and can benefit public utility either through the magnificence of his works and the splendour of his gifts, or through the collection of his taxes. When he applies himself to the administration of the republic he is cultivated in every type of virtue and adorned with every eloquence, in such a way that he always holds beneficial and honourable opinions concerning public affairs and he persuades others to share the opinions he holds with eloquence and abundance of speech. He is one who dreads neither the power of enemies, nor the rage of seditious citizens, but defends against the attacks of others with all powers of the mind and the body, thwarting their disloyal and angry attempts with the greatest independence. Finally, he is one who concerns himself with cultivating religion, preserving justice and fairness, and restraining the whole citizenry within the limits of modesty. He does not spare any efforts, any dangers, nor even his own life to achieve these things.

“Para Alberti, o valor instrumental do *otium* reside em permitir o tempo necessário para o raciocínio analítico e discursivo, que possibilita o conhecimento da natureza divina da alma e de seu *summum bonum*”²⁴ (THOMSON, 2020, p. 62, tradução nossa). Ainda em relação às preocupações do autor com esses ideais, citamos o documento:

Para que a diferença entre o vosso contemplador ocioso e o meu cidadão ativo se torne mais clara do que o sol, imaginemos uma cidade diante de nós, na qual todos os tipos de edifícios, públicos e privados, sagrados e profanos, estejam presentes em abundância e magnificência. No interior dela, há um homem muito sábio, encarregado de povoá-la com habitantes que tornem a cidade próspera em todos os aspectos. Assim como em um corpo animado nenhuma parte deve existir sem servir ao todo, esse homem sábio, sentado às portas, não permitirá a entrada de nenhum cidadão sem antes examinar cada pessoa que deseja entrar com a máxima diligência e compreender plenamente que benefício cada uma delas trará ao estado por meio de sua prudência ou habilidade²⁵ (LANDINO, 2020, p. 242) [tradução nossa].

Tomando a imagem de uma cidade próspera, um homem sábio seleciona cuidadosamente os habitantes com base em suas habilidades. Observamos que a fonte reforçou a ideia de que a verdadeira excelência reside na combinação entre contemplação e ação prática. Alberti tomou Cícero como exemplo, porque o romano foi excelente nas duas esferas, como cônsul e senador, prestou relevantes serviços à república, e, ao se retirar da vida pública, deixou um legado a partir dos textos que beneficiaram muitas pessoas nos séculos seguintes (McNAIR, 2019, p. 107).

Petrarca, durante o século XIV, censurou o romano por ter abandonado *otium* nos últimos anos de vida para retornar a vida política e se envolver em querelas inúteis (SKINNER, 1996, p. 129). Todavia, outros humanistas apontavam que Cícero soube reconhecer o verdadeiro valor do *negotium*, à medida que suas ideias continuaram a ser debatidas e inspiraram novos textos, se tornando fundamentais para a discussão sobre os ideais a partir do século XIV e ao longo do século XV. Para tanto, citamos a reflexão de Bignotto (2021, p. 75):

²⁴ [No original] For Alberti, the instrumental value of *otium* is that of allowing time for the analytical and discursive reasoning which permit cognition of the divine nature of the soul and its *summum bonum*, [...].

²⁵ [No original] In order that the difference between your leisurely contemplator and my active citizen is now demonstrated more clearly than the sun, let us imagine a city constructed before us in which every type of building, public and private, sacred and profane, is present in abundance and magnificence. Inside there is a very wise man, who decides to fill it with inhabitants who will yield a citizenry wealthy in every way. Just as in an animated body, no part should be present which does not serve the whole, and the wise man sitting at the gates will admit no one as a citizen before he examines each person who desires to enter with the greatest diligence, and understands entirely what benefit each of them will bring to the state through their prudence or skill.

Cícero oferecia, assim, para Petrarca, e depois para Salutati e seus seguidores, um guia perfeito de uma filosofia moral, que, sem entrar em contradição total com os valores associados à vida contemplativa, tão caros ao cristianismo medieval, mas também aos filósofos estoicos, propunha uma visão altamente positiva das atividades da cidade. A ferramenta útil para os humanistas estava contida na oposição entre interesse privado e interesse público, o que lhes permitia abordar o dilema entre a escolha de uma vida ativa ou de uma vida contemplativa.

Cícero foi um bom modelo para aqueles que presavam pelas atividades públicas e a ação, mas também teve grande importância nas discussões dos que defendiam a contemplação. Nas gerações seguintes, esse ideal assumiu outra dimensão, pois a vida sábia passou a incluir a ação prudente (SKINNER, 1996, p. 129). Em relação a Cícero, Baron citou a ponderação do bispo Pietro Paolo Vergerio (1498-1565):

[...] Cícero precisou viver uma vida ativa a serviço da república romana porque sua filosofia sempre visou não à paz de espírito estoica, mas o tipo de sabedoria “que está nas cidades e se afasta da solidão”; em muitas de suas obras, Cícero valorizou muito a vida do homem que “se preocupa com o trabalho para o estado e assume os esforços que se deve compartilhar em benefício da *salus omnium*”²⁶ (BARON, 1955, p. 103) [tradução nossa].

Assim, para o romano, o conhecimento precisava ter uma finalidade, e as atividades deveriam ser em prol da coisa pública. Por isso, ao longo da sua jornada, ele atuou como cronista, filósofo, orador e cônsul da República Romana. Séculos depois, isso ecoou entre os humanistas, como no caso de Ficino, que considerava Cícero não apenas um sábio estoico, mas também um magistrado prudente (SKINNER, 1996, p. 75). Nessa mesma direção, Landino, por meio de Alberti, exaltou mais uma vez o valor da ação, reconhecendo sua importância imediata entre os homens. Não obstante, argumentou que seus resultados eram passageiros, enquanto o *otium*, ao preservar o conhecimento, atravessava gerações e beneficiava outros.

A partir disso, podemos extrair um princípio geral: aqueles que se dedicam à ação certamente podem ser úteis, mas apenas no presente ou por um curto período; já aqueles que revelam para nós a natureza das coisas ocultas na obscuridade será benéfica para sempre. Pois as ações estão limitadas aos seus executores humanos. Mas os pensamentos, ao sobreviverem a todos os séculos, permanecem imortais e se igualam à eternidade. Por essa razão, quando o teu sábio, sentado à porta, examina aqueles que desejam entrar, ele permitirá a entrada do senador, do orador, do soldado, do jurista e do restante da multidão que você listou em mais detalhes há pouco. E ele não os admitirá sem uma boa razão, pois a cidade precisa de todas essas

²⁶ [No original] [...]Cicero had of necessity to spend an active life in the service of the Roman commonwealth because his philosophy had always aimed not at stoic peace of mind but at the kind of wisdom “which is at home in the cities and turns away from solitude”; in many of his works, Cicero had most highly prized the life of the man who “troubles himself with work for the state, and shoulders the labors one must share in the interest of the *salus omnium*. [...]”

pessoas, assim como um corpo precisa de seus membros, sem os quais ficaria mutilado e, em certa medida, inútil²⁷ (LANDINO, 2020, p. 252) [tradução nossa].

Observamos, a partir do diálogo, que havia um interesse em alcançar o melhor dos dois ideais. Para esse propósito, os interlocutores apresentaram diversos argumentos em defesa tanto do *otium* quanto do *negotium*. Entendemos que a *vita contemplativa* era defendida por Alberti, sem depreciar o outro ideal, pois Lorenzo procurava, por meio dos argumentos, respaldar o exercício de uma *vita activa*, mas fazia isso sem menosprezar as qualidades da *vita contemplativa* e, sobretudo, o valor do debate com homens excepcionais. O florentino sustentava que os homens deveriam preferir um modo de vida que aperfeiçoasse tanto o corpo quanto a mente, priorizando a ação na sociedade cívica à qual todos eram naturalmente inclinados (THOMSON, 2020, p. 12).

Nas últimas páginas do primeiro livro, Landino, mais uma vez por meio de Alberti, explicou como conhecimento e ação poderiam se harmonizar. Dessa forma, citamos a fonte:

Mas, quando considerei o assunto como um todo de maneira mais atenta, percebi que, embora o ser humano se origine apenas da mente, o corpo não deve ser negligenciado. Também vi que o ser humano é formado de tal maneira que está ligado aos outros pelo vínculo da caridade e, ao mesmo tempo, arde com o amor pelo entendimento das coisas. Portanto, considerarei verdadeiramente humano apenas aquele que, conduzindo cada tipo de vida da maneira correta, une ambas: **alguém que se engaja na atividade tanto quanto as necessidades das questões mortais e o vínculo da sociedade humana exigem, e conforme o amor à sua pátria o impele; mas que também se volta para a especulação, lembrando-se de que esse é o verdadeiro propósito da humanidade, salvo quando nossa fraqueza nos afasta dele. Ele se ocupará da investigação intelectual para participar do bem supremo; agirá para afastar o mal de si e de seus. Sobressair-se-á em ambas as formas de vida, desde que as exerça na medida necessária.** Pois elas não são tão opostas nem tão conflitantes entre si que não possam, de alguma forma, se harmonizar²⁸ (LANDINO, 2020, p. 254) [grifo e tradução nossa].

²⁷ [No original] So from these things we can extrapolate a general argument. Those who are devoted to action can certainly be of benefit, but only for the present or for a brief time, while those who bring forth into the light for us the nature of things concealed in obscurity will be of benefit forever. For actions are fixed in their limits along with human beings. But, by surviving over all centuries, speculations endure immortal and become equal with eternity. For this reason, when your sage, sitting at the gate, examines those about to enter, he will admit the senator, the orator, the soldier, the lawyer and then the rest of the crowd, whom you listed in more detail a little earlier. And he will not admit them without good reason, because the city needs all of these people as a body needs its limbs, without which it will be crippled and, to some degree, useless.

²⁸ [No original] But when I considered the matter as a whole more closely, I saw that, while the human being originates from the mind alone, the body must not be neglected, and I saw that a human being is produced in such a way that he is tied to others in the bond of charity and, at the same time, burns with the love of understanding things. So I will only think him a man who, leading each type of life in the right way, unites them both: one who engages in activity as much as the needs of mortal matters and the bond of human society demand and as the love of his country compels him; but who devotes himself to speculation so that he remembers it is the purpose of humanity, except to the extent that our weakness distracts us from it. He will engage in intellectual inquiry so that he becomes a participant in the highest good. He will act

Com base no fragmento documental, identificamos que o humanista vislumbrou um equilíbrio entre os ideais. Todavia, a mente não se aperfeiçoava pela ação, mas pelo conhecimento das verdades universais alcançado por meio da especulação (McNAIR, 2019, p. 103). A estrutura textual, organizada como um diálogo, permitiu a Landino explorar diversos ângulos desses ideais ao longo do século XV. Além disso, esse recurso ofereceu ao humanista a oportunidade de apresentar diferentes conclusões para o problema. Constatamos que o seu modelo de harmonia, personificado em figuras como Federico Montefeltro, propunha que o estudo e a especulação deveriam reforçar o compromisso cívico e que a vida ativa, quando guiada pela sabedoria, tornava-se um caminho para a perfeição moral e espiritual. Por fim, o humanista ofereceu ao leitor a oportunidade de refletir com homens virtuosos e escolher o ideal mais adequado para tempos adversos ou tranquilos.

Fontes:

BRUNI, Leonardo. *Dialogi ad Petrum Paulum Histrum*. In: BIGNOTTO, Newton. **Origens do republicanismo moderno**. Niterói: Eduff, 2021, p. 207-230.

LANDINO, Cristoforo. Translation of the first two books of the *Disputationes Camaldulenses*. In: THOMSON, Benjamin Alexander. **The virtue politics of Cristoforo Landino's Disputationes Camaldulenses**. Stephen Clucas. PhD thesis. Birkbeck, University of London. 2020. Disponível em: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/45850/>. Acesso em: 29 abr 2025.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução e notas por José Antonio Martins. Edição bilingue. 2. ed. São Paulo: Editora Hedra, 2020 [1532].

PETRARCA, Francesco. *Familiarium rerum*. In: BIGNOTTO, Newton. **Origens do republicanismo moderno**. Niterói: Eduff, 2021, p. 181-191.

PETRARCA, Francesco. **Rerum familiarium libri I-VIII**. Translated by Aldo S. Bernardo. New York: University of New York, 1975.

SALUTATI, Coluccio. *Invecctiva in Antonium Luschem Vicentium*. In: BIGNOTTO, Newton. **Origens do republicanismo moderno**. Niterói: Eduff, 2021, p. 193-206.

VASARI, Giorgio. **Vida de Michelangelo Buonarroti**: florentino, pintor, escultor e arquiteto. Tradução, introdução e comentário por Luiz Marques. Campinas: Editora Unicamp, 2011 [1568].

Referências Bibliográficas:

so that he avoids harm to him and his own. He will duly excel in both ways of life, provided that he employs each as much as is necessary. For they are not opposed to each other, they are not fighting between themselves in such a way that they cannot somehow unite.

- ALVES, Aléssio Alonso. Reflexões acerca da fundação de Florença na *Laudatio Florentine urbis* de Leonardo Bruni. **Revista Crítica Histórica**, vol. 8, no. 15, 2017, p. 154184. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/3534>. Acesso em: 26 mai 2024.
- BARON, Hans. **From Petrarch to Leonardo Bruni: Studies in Humanistic and Political Literature**. Berkeley: University of California Press, 1968.
- BARON, Hans. **In Search of Florentine**. Civic Humanism Essays on the Transition from Medieval to Modern Thought. Vol. I and II. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- BARON, Hans. **The Crisis of the Early Italian Renaissance**. Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny. Vol. I. New Jersey: Princeton University Press, 1955.
- BIGNOTTO, Newton. **Origens do republicanismo moderno**. Niterói: EDUFF, 2021.
- BURKE, Peter. **El renacimiento**. Barcelona: Editora Crítica, 1994.
- CANNING, Joseph. **Conciliarism, Humanism and Law. Justifications of Authority and Power, c.1400-c.1520**. University of Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- GARIN, Eugenio. **Ciência e vida civil no Renascimento Italiano**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- GARIN, Eugenio. Interpretações do Renascimento. In: GARIN, Eugenio. **Idade Média e renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 83-96.
- GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval: (séculos XII-XIV)**. Tradução de Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Campinas-SP: Editora da Unicamp; Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2011.
- GOMRICH, Ernst H.. The renaissance – Period or movement? In: DICKENS, A. G.. *et al.* **Background to the English Renaissance. Introductory Lectures**. London, 1974, p. 9-30.
- KING, Margareth. A mulher renascentista. In: GARIN, Eugenio. **O homem renascentista**. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 192-227.
- LOMBARDO, Paul A. Vita Activa versus Vita Contemplativa in Petrarch and Salutati. **Italica**, vol. 59, n. 2, American Association of Teachers of Italian, 1982, p. 83-92.
- McNAIR, Bruce G.. Cristoforo Landino and Coluccio Salutati on the Best Life. **Renaissance Quarterly**, n. 47, vol. 4, 1994, p. 747-769.
- McNAIR, Bruce G.. **Cristoforo Landino. His Works and Thought**. Medieval and Renaissance. Authors and Texts. Brill: Leiden, The Netherlands, 2019.
- METRI, Mauricio. As guerras italianas do século XV e a “Paz de Lodi” de 1454. In: FIORI, Jose Luis. **Sobre a Paz**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021, p. 185-209.
- MORA, José F.. **Dicionário de Filosofia**. Tomo II. São Paulo, Ipiranga: Edições Loyola, 2001.
- POCOCK, John Greville A.. **O momento maquiaveliano: o pensamento político Florentino e a tradição republicana atlântica**. Niterói: Eduff, 2021.
- RICE JR., Eugene F.. **The Renaissance Idea of Wisdom**. Massachusetts: Harvard University Press, 1958.

RODRIGUES, Paula Cristina Pontes. Protofeminismo no renascimento italiano pela pena de Isotta Nogarola. **Historiæ**, vol. 8, n. 2, 2018, p. 239–252. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6496>. Acesso em: 22 jun 2024.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SKINNER, Quentin. **Razão e retórica na filosofia de Hobbes**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

THOMSON, Benjamin Alexander. **The virtue politics of Cristoforo Landino's Disputationes Camaldulenses**. Stephen Clucas. PhD thesis. Birkbeck, University of London. 2020. Disponível em: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/45850/>. Acesso em: 29 abr 2025.